

# MACHADO DE ASSIS CRONISTA: “BONS DIAS!” NO AVESSE DA REPÚBLICA

Marta Passos PINHEIRO\*

- **RESUMO:** Neste artigo, pretendemos demonstrar como Machado de Assis critica o projeto de renacionalização do Brasil, no final do século XIX, por meio de um gênero relativamente novo: a crônica. Investigamos a hipótese de que ele utiliza construções discursivas, que podem ser consideradas retóricas, para desmontar o discurso que servia ao projeto de renacionalização do Brasil e, ao mesmo tempo, permanecer dentro do sistema intelectual e da elite brasileira de sua época. Para a investigação proposta, analisaremos três crônicas, da série “Bons Dias!”, que apresentam como unidade temática a Abolição da Escravatura e a República. Essa série compreende 49 crônicas, 48 delas publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*, entre 5 de abril de 1888 e 29 de agosto de 1889.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis. Crônica. Retórica. Renacionalização.

A memória de Machado de Assis passou, como salienta Brito Broca (1992), pelo “purgatório da glória”. Logo após sua morte, foi acusado, por Hemetério José dos Santos, na *Gazeta de Notícias* de 29 de novembro de 1908, “[...] de haver renegado suas origens, [...] ao manter-se alheio ao problema da escravidão” (BROCA, 1992, p.241). Juntamente ao ataque à pessoa, veio o ataque à obra, acusada de não abordar os problemas nacionais. Para Hemetério José dos Santos, “a sociedade carioca não seria aquela descrita por Machado de Assis em romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*” (BROCA, 1992, p.241). A versão de que a obra de Machado de Assis era alheia à realidade brasileira foi fortemente criticada por Mario Casassanta, cujos estudos sobre o escritor despertaram, na década de 1930, um interesse renovado por suas obras. Muitos críticos seguiram rechaçando essa versão, como Magalhães Júnior (1955, 1956), nos renomados livros *Machado de Assis desconhecido* e *Ao redor de Machado de Assis*, de modo que se torna insustentável a preconização de um suposto absentismo político desse grande escritor.

---

\* CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Departamento de Linguagem e Tecnologia – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. Belo Horizonte, MG – Brasil. 30.421-169 – martapassaro@gmail.com

Artigo recebido em 09/10/2012 e aprovado em 09/09/2013.

Neste artigo, pretendemos demonstrar como Machado de Assis critica o projeto de renacionalização do Brasil, no final do século XIX, por meio de um gênero relativamente novo, que se tornou conhecido como tipicamente brasileiro: o gênero crônica. Investigamos a hipótese de que Machado utiliza construções discursivas, que podem ser consideradas retóricas, para desmontar o discurso que servia ao projeto de renacionalização do Brasil e, ao mesmo tempo, permanecer dentro do sistema intelectual e da elite brasileira de sua época.

É importante destacar que quem escrevia no século XIX havia sido formado dentro do ensino da retórica, possuindo, portanto, consciência de suas regras na construção discursiva. Foi através dessa construção que o Brasil, livre e “independente”, com tradições definidas foi construído na primeira metade do século XIX. No final desse século, a retórica, enquanto disciplina, foi retirada do currículo escolar, em prol das ideias de expressão e subjetividade, depois de ter sido condenada pelos românticos (SOUZA, 1999).

Em seu sentido lato, a Retórica sempre representou a “[...] arte do discurso em geral, exercida por qualquer indivíduo ativamente participante na vida de uma sociedade” (LAUSBERG, 1993, p.75). Sendo arte do discurso, a retórica constituiu-se como um sistema organizado “[...] de formas de pensamentos e de linguagem, as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende.” (LAUSBERG, 1993, p.75). Já nos habituamos a considerar a construção discursiva desvinculada da retórica. Apesar de Machado de Assis não ter tido acesso ao ensino regular completo, ele é conhecido como um grande autodidata, tendo nos escritores românticos seus grandes mestres da arte retórica.

Para a investigação proposta, analisaremos três crônicas, dos dias 11, 19 e 27 de maio de 1888, que apresentam como unidade temática a Abolição da Escravatura e a República. Essas crônicas pertencem à série “Bons Dias!”, que compreende 49 crônicas, 48 delas publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*, entre 5 de abril de 1888 e 29 de agosto de 1889, consideradas as melhores crônicas de Machado de Assis.

Abordaremos primeiramente o que denominamos projeto de renacionalização do Brasil, logo após algumas características do gênero crônica, seguidas da análise proposta.

## **A renacionalização do Brasil**

Se na metade do século XIX aparece a preocupação em definir o território brasileiro, o povo desse território, com seus hábitos e costumes, durante as últimas décadas desse século encontramos uma redefinição. É uma época de mudanças

políticas, época em que ocorre a Abolição da Escravatura, a queda do Império e o surgimento da República. Uma ordenação da sociedade era, portanto, necessária. Era preciso redefinir a nação para que ela ocupasse um lugar no mundo ocidental capitalista.

O capitalismo iria provocar importantes e curiosas medidas para garantir a integridade nacional. Buscando tecnologia e mão de obra qualificada, Alfredo d'Escragno, o Visconde de Taunay, apresentou ao Senado um projeto de nacionalização, no qual consta que “todo estrangeiro que tiver residência efetiva no Brasil, por espaço de dois anos, será considerado cidadão brasileiro”<sup>1</sup>. Esse incentivo à imigração em larga escala foi comentado por Machado de Assis na crônica de 28 de outubro de 1888. O projeto de renacionalização, como chamamos, conta com a ajuda de várias áreas de conhecimento que estavam unidas desde o começo do século XIX a fim de garantir a integridade nacional, como a História, a Geografia, a Literatura e o jornalismo, que se encontrava em ascensão.

Enquanto a História definia o Brasil no tempo, passado e presente, projetando um futuro, a Geografia o definia no espaço, e a Literatura, divulgada nos folhetins dos jornais da época, aproximava essas definições da realidade do povo, utilizando sua característica de ficção, de criação, apresentando, assim, uma urgente utilidade. Afinal, como destaca Maria Helena Rouanet (1994, p.103, grifo do autor): “Por mais completo e bem delineado que fosse o quadro (definido pela História e Geografia), haveria sempre o risco de que o espectador, a quem ele se destinava, permanecesse ‘estrangeiro’ diante do que ali se representava”. É um momento de invenção de tradições, como observa Margarida de Souza Neves (1992, p.78, grifo do autor).

Busca-se, assim, de múltiplas formas, reconstruir a história, por uma releitura do passado como pela definição de uma meta comum de futuro, através de uma memória coletiva que se pretende “nacional” e que sublinha as descontinuidades representadas eminentemente pela implantação da forma republicana por sobre as continuidades de uma sociedade marcada por seu caráter historicamente excludente e hierarquizador.

A ordenação da sociedade, necessária para o progresso da nação, é sintetizada na fórmula republicana positivista “ordem e progresso”, na qual o progresso é identificado como um “projeto de futuro”.

Machado de Assis, um observador sagaz, antes mesmo da implantação da República, apontou para muitas “mudanças” que se aproximavam e para suas consequências, como veremos adiante.

---

<sup>1</sup> Cf. notas de Gledson em Assis (1990, p.127).

## Artigos folhetinescos e informação: crônica

Os artigos folhetinescos, como o nome indica, surgiram em um novo espaço dos periódicos, de grande sucesso no exterior: o folhetim. Esse espaço era destinado ao entretenimento e designava um lugar preciso: o *rez-de-chaussée*, rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página (MEYER, 1992). Como espaço do entretenimento, o folhetim recebia qualquer assunto, tudo o que pudesse atrair possíveis leitores. Como destaca Marlyse Meyer (1992, p.96),

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos, o esboço do caderno B em suma. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres ou noviços no gênero.

Os artigos de rodapé sobre as questões do dia, na forma de folhetim, surgiram no Brasil sob a rubrica Variedades ou Fatos Diversos. Essa rubrica também abrigou romances e, mais tarde, passou para o corpo inteiro do jornal, apresentando “[...] conteúdos vários, muita matéria traduzida, resenhas, folhetins literários, crônicas anônimas, tratando com leveza assuntos cotidianos.” (MEYER, 1992, p.113). O espaço do folhetim ficou reservado para romances e artigos semanais. Estes últimos herdaram das Variedades a multiplicidade de conteúdo e a linguagem coloquial. Os artigos folhetinescos passaram a fornecer informação e as *Variedades* eventos que interessassem por si. Dentre esses artigos, o que passou a ser denominado crônica, no final do século XIX, tinha por característica misturar informação e ficção, utilizando como informação o circunstancial, o acontecimento do dia a dia.

Essa concepção de crônica, que surgiu no século XIX, não se sabe se em Portugal ou no Brasil (COUTINHO, 1971), designa um gênero específico, ligado ao jornalismo, e diferencia-se do significado tradicional de crônica: “relato dos acontecimentos em ordem cronológica.” (COUTINHO, 1971, p.108). Contudo, esse novo gênero continuava preso à sua etimologia, do grego *Khronos* (tempo). Apesar de não mais seguir uma ordem cronológica, a crônica possuía uma relação profunda com o tempo vivido, pressupondo um leitor que partilhasse esse tempo, sob pena de alguns ou muitos comentários não serem entendidos.

A crônica foi o primeiro tipo de texto a falar da cidade e de seus costumes. Durante o século XIX, muitos romancistas de nossa literatura certamente receberam influência de sua experiência de cronista, que pressupunha uma atenta observação do cotidiano, como José de Alencar e Machado de Assis.

O gênero crônica correu o século XIX aparecendo diluído nos periódicos, quer sob o título *Folhetim*, quer, já no final da década de 50, em seções como a “Revista de Teatros”, de *O Espelho*, “Variedade”, do periódico *O Espectador*, “Os Teatros” e “Brasileirices”, de *O Mequetrefe*. Em 1862, encontramos em *O Futuro* a seção “Crônica”, com textos de Machado de Assis e Faustino Xavier de Novaes. Para Amoroso Lima (apud COUTINHO, 1971, p.78), tendo tido como precursor Francisco Otaviano, José de Alencar foi, na década de 50 do século XIX, o verdadeiro iniciador da crônica.

Acreditamos que nessa época já havia um perfil delineado dos indivíduos que tinham acesso aos textos dos jornais e que precisavam ser conquistados. Na edição do dia 04 de setembro, de *O espelho* – Revista de Literatura, Modas, Indústria e Artes, publicada em 1859, Machado de Assis dirige-se a quem estivesse com a folha em mãos: “Por agora encoste-se a leitora no fofo da sua poltrona com toda a indolência daquela *baigneuse* de Victor Hugo, e procure grupar comigo as diversas circunstâncias que formam o pensamento do *asno morto*.” (ASSIS, 1859, p.7, grifo do autor). O perfil do consumidor dessas letras impressas está definido: mulher, com uma boa posição social, com acesso a romances estrangeiros, provável conhecedora de francês. Os cronistas do Rio, como Machado de Assis, dirigiam-se à sociedade carioca e sabiam da importância de conquistar as mulheres enquanto leitoras, uma vez que elas são consideradas o núcleo da família burguesa, que aflorou no século XVIII. A conquista desse núcleo, do público feminino, é imprescindível para a divulgação da leitura e formação de um público leitor. A mulher, por ficar em casa, já que lhe era vedada a atividade pública, poderia educar as crianças, contribuindo para a formação do hábito de leitura.

[...] é mister preparar a mulher para assumir as funções domésticas de que a nova camada emergente carece, destacando-se entre estas a educação das crianças. A formação dos quadros para a sociedade que a burguesia está construindo não depende apenas da escola: como precisa consolidar também as noções de lar e família, apela para a mulher, a quem prepara para as novas tarefas. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p.237).

No Brasil, somente a partir do século XIX, quando a Independência motivou um projeto educacional para a nova nação, é que surgiu a preocupação com a instrução da mulher. Mesmo assim, as mulheres que sabiam ler não deveriam ter acesso a qualquer texto. Confinadas em casa, sua leitura era controlada. Entre essas leituras, pareciam estar os artigos folhetinescos, aparentemente desprezíveis, publicados nos jornais do século XIX. Os cronistas, como José de Alencar na metade desse século, seguido por Machado de Assis, costumavam dirigir-se às leitoras, demonstrando grande interesse em atrair esse público.

## O cronista Machado: o *flâneur* profeta

Desde a época de José de Alencar, na década de 50 do século XIX, os artigos folhetinescos apresentavam características do que seria denominado crônica: assunto cotidiano, tom leve, irônico, familiar, muito diálogo intercalado. Podemos, portanto, comparar o cronista ao *flâneur*, como ser urbano que, anônimo, observa cada detalhe da cidade. Alencar, nos anos 50, e Bilac, em pleno *fin-de-siècle*, “[...] veriam no *flâneur* um ‘galicismo imprescindível’ que definia também a condição do cronista, narrador do vagar sem destino e da atenção flutuante da experiência” (ANTELO, 1989, p.65, grifo do autor). Além disso, também encontramos no cronista o prazer pelo anonimato. Meyer (1992, p.128) define a crônica como “[...] cães vadios, livres farejadores do cotidiano [...] Cães sem dono, também, que são na maior parte anônimos ou assinados com iniciais”.

Apesar de Machado ter usado pseudônimos para outras séries de crônicas, como “Gazeta de Hollanda”, “Balas de Estalo” e “A Semana”, sua identidade era revelada pelo próprio jornal. “Bons Dias!”, ao contrário, como destaca John Gledson (1986), parece ter sido mantida em segredo. Só se descobriu que o autor era Machado quando José Galante de Sousa encontrou a prova da autoria numa coleção manuscrita de identificação de pseudônimos na Biblioteca Nacional.

O anonimato pode ser interpretado como sendo uma estratégia retórica, já que “[...] no âmbito da retórica, a noção de autor importa muito menos do que a de público receptor, o verdadeiro centro de gravidade da retórica.” (ROCHA, 1998, p.94). Certamente havia uma razão para o sigilo. Segundo John Gledson (1986), Machado tinha algo a dizer sobre a Abolição, algo nada agradável, preferindo assim a liberdade extra provocada pelo anonimato.

É importante destacar que Machado de Assis precisava manter-se dentro do sistema intelectual e da elite do século XIX. Dessa forma, ele poderia realizar seu trabalho tranquilamente, conseguir por exemplo redigir em um jornal sem possuir nível superior, exigência de sua época. Era justamente de dentro do sistema que ele pretendia criticá-lo, portanto, toda sutileza e cuidado eram necessários. Sem dúvida, essa sutileza, marcada pela ironia e ambiguidade, que se tornou marca da escrita de Machado, é encontrada em todas as suas crônicas, contos e romances. Podemos dizer então que “Bons Dias!”, apesar de não chegar a ser uma série subversiva, tocava em assuntos polêmicos de sua época, segundo John Gledson com atitudes agressivas muitas vezes. Para esse crítico, Machado ainda procurava disfarçar suas atitudes agressivas começando a série com um educado “Bons Dias!” e terminando com “Boas Noites”, mostrando assim cortesia e boas maneiras. Acreditamos que esses cumprimentos fazem parte da técnica de conquista do público pela familiaridade, própria da crônica, e muito necessária em sua época por ainda não apresentar um

público leitor de massa. Este ainda estava em formação, já que no final do século XIX o Brasil ainda apresentava 70% de analfabetos e um grande contingente de semianalfabetos. A isso somavam-se as dificuldades técnicas que iam desde a impressão à circulação dos livros.

Machado de Assis enquanto cronista seria um *flâneur* profeta. Não seria apenas, como nos diz o dicionário, o “[...] passeante, o que passa o tempo passeando sem destino pelas ruas e praças.” (AZEVEDO, 1989, p.694). Machado é um passeante com destino, além de observar, ele remexe o mais íntimo das consciências, esforçando-se para entender e prever os acontecimentos. Esse olhar sagaz será tematizado em sua crônica do dia 11 de maio de 1888, dois dias antes da abolição da escravatura.

Vejam os leitores a diferença que há entre um homem de olho alerta, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu em suma), e o resto da população.

Toda a gente contempla a procissão na rua, as bandas e bandeiras, o alvorço, o tumulto, e aplaude ou censura, segundo é abolicionista ou outra coisa; mas ninguém dá a razão desta coisa ou daquela coisa; ninguém arrancou aos fatos uma significação, e, depois, uma opinião. [...] Eu, pela minha parte, não tinha parecer. Não era por indiferença; é que me custava a achar uma opinião. (ASSIS, 1990, p.56).

Podemos observar uma crítica dirigida a quem tem opiniões facilmente, apoiando ou negando a Abolição, sem procurar mais atentamente a razão dos acontecimentos. Logo depois, ao dizer que chegou a uma opinião racional e a seus fundamentos sobre a questão da liberdade e da propriedade, o cronista irá contar casos de escravos fugidos que acabaram sendo alugados por outros senhores de escravos, já prenunciando e denunciando o que iria acontecer após a Abolição. Os escravos ao serem libertos seriam alugados, por salário que a ironia machadiana define muito bem.

Não é novidade para ninguém, que os escravos fugidos, em Campos, eram alugados. Em Ouro Preto fez-se a mesma coisa, mas por um modo mais particular. Estavam ali muitos escravos fugidos. Escravos, isto é, indivíduos que, pela legislação em vigor, eram obrigados a servir a uma pessoa; e fugidos, isto é, que se haviam subtraído ao poder do senhor, contra as disposições legais. Esses escravos fugidos não tinham ocupação; lá veio, porém, um dia em que acharam salário, e parece que bom salário. (ASSIS, 1990, p.57).

Sendo assim, Machado critica a euforia geral em relação ao abolicionismo, relativizando-o. Na crônica do dia 19 de maio (ASSIS, 1990, p.62), entra em cena um personagem ficcional. Esse personagem apresenta-se como pertencente a uma família de profetas *après coup*, depois do gato morto, e diz que a lei de 13 de maio já

estava por ele prevista. Como prova, afirma ter alforriado um escravo seu, o Pancrácio. Para o ato de alforria, o personagem-narrador oferece a alguns amigos um jantar comemorativo e faz um discurso sobre a liberdade, associando-a às ideias pregadas por Cristo, o que comoveu todos, inclusive Pancrácio.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés. Um dos meus amigos [...] pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que eu acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo. (ASSIS, 1990, p 63).

Machado relativiza o abolicionismo ao reproduzir o discurso capitalista, que tem o narrador-personagem como porta-voz. A escravidão é substituída pela liberdade, e esta se torna escrava do salário.

No dia seguinte chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

\_Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

\_Oh! meu senhô! fico.

\_...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho. [...]

Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo [...]. (ASSIS, 1990, p.63).

A nova escravidão, ao salário, segundo a promessa do discurso capitalista, tende a crescer. Para convencer todos desse crescimento, podemos observar a técnica retórica de usar provas tidas como naturais e referência a um ditado popular. As provas naturais são extrarretóricas, existem por si mesmas, independentemente do orador, anteriormente ao discurso. Dessa forma, o crescimento do ordenado foi associado ao crescimento físico do próprio Pancrácio. Este último crescimento é considerado natural, inevitável, e, pela associação, o mesmo ocorrerá com o ordenado de Pancrácio. O ditado popular mencionado: “é de grão em grão que a galinha enche o seu papo” é uma prova intrarretórica, tida como artificial, construída. Contudo, por pertencer ao domínio público, sustenta a argumentação e torna o argumento inicial irrefutável: de grão em grão o ordenado de Pancrácio aumentará.

A naturalização dos eventos será uma constante nessa crônica, servindo também de desculpa para a maneira como o narrador-personagem tratava Pancrácio. Os

maus tratos não passavam de um “impulso natural”. Machado, com sua sutil ironia, aproxima os estados naturais do divino.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. (ASSIS, 1990, p.63).

No final da crônica podemos notar a razão da antecipação da alforria: “O meu plano está feito; quero ser deputado [...]” (ASSIS, 1990, p.64). E novamente Machado “brinca” com a questão da profecia.

[...] os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu (ASSIS, 1990, p.64).

Observa-se na composição discursiva de Machado a ênfase dada ao processo da *inventio*, segundo a Retórica, processo que inicia a composição discursiva. O primeiro passo da *inventio* é encontrar pensamentos adequados. Não se trata de um processo de criação, os pensamentos já existem.

A *inventio* não é compreendida como um processo de criação (como em certas teorias poéticas dos tempos modernos), mas sim como um encontrar por meio de recordação (análoga à concepção platônica do saber): os pensamentos, aptos para o discurso, já existem, no subconsciente ou na semiconsciência do orador, como *copia rerum*, e só precisam de ser despertados por uma hábil técnica mnemônica e mantidos, o mais possível, conscientes por meio de uma exercitação permanente. (LAUSBERG, 1993, p.91).

Os pensamentos se encontrariam, portanto, na memória, que aparece como lugar privilegiado e, segundo o manual: “A preexistência geral dos pensamentos, que se devem encontrar, não exclui uma originalidade (*ingenium*) do orador e do artista.” (LAUSBERG, 1993, p.91). Para trazer à tona esses pensamentos escondidos utilizam-se perguntas como: quem, por que, onde, de que modo, quando.

A profecia, tematizada em muitas crônicas de Machado de Assis, ao relatar os acontecimentos que iriam ocorrer, seria na verdade um processo da *inventio*, adquirido pela observação, pela procura dos “pensamentos escondidos”. Sendo assim, o profeta, adjetivo com que ele classifica ironicamente o personagem da crônica do dia 19 de

maio, seria o homem de olho alerta, profundo a que ele se refere na crônica do dia 11 de maio.

Na segunda parte da crônica do dia 11 de maio de 1888, Machado parece mudar de assunto, passando da abolição à República, que pela sua profecia se torna indispensável, inevitável.

\_ [...] Aposto que não vê que anda alguma coisa no ar.

\_ Vejo; creio que é um papagaio.

\_ Não, senhor; é uma república. Querem ver que também não acredita que esta mudança é indispensável? [...]. (ASSIS, 1990, p.58).

Essa mudança de assunto dentro da crônica é de fato aparente. Isso se confirma com a última frase da passagem acima, principalmente com a palavra “também”. Nota-se que essa frase faz a ligação entre a Abolição e a necessária “mudança” de sistema, a República. Tal qual a Abolição, a República também é relativizada. Nessa crônica, uma pista para essa interpretação encontra-se na citação em alemão que significa: “Seria fácil provar que o Brasil é mais uma oligarquia absoluta do que uma monarquia constitucional.” (GLEDSON, 1986, p.128). Com isso, John Gledson (1986) observa que a República nascerá da oligarquia, o que mostra que a mudança de regime será, simplesmente, uma mudança de rótulo: antes e depois, a oligarquia governará. Sem dúvida para um leitor que não lê alemão, a citação torna-se incompreensível, todavia há uma pista de seu significado nas expressões transparentes: *konstitutionelle Monarchie* e *absolute Oligarchie*.

O inevitável advento da República, abordado de passagem na crônica do dia 11 de maio, será tema da crônica do dia 27 de maio, na qual aparece a ligação entre República e escravidão. Nessa crônica, Machado imagina uma conversa entre o meteorito de Bendegó e o oficial da marinha José Carlos de Carvalho, chefe da expedição enviada ao interior da Bahia, onde a pedra caíra mais de um século antes, a fim de trazê-la para o Rio (GLEDSON, 1986). Carvalho conta ao meteorito sobre a existência de ideias republicanas, esclarecendo que todos creem que, com o advento da República, a escravidão estaria acabada. O meteorito, como tem “uma visão experimentada e olímpica da Abolição” (GLEDSON, 1986, p.142), advertiu que República e escravidão não eram incompatíveis.

[...] antes de ser meteorólito fora general nos Estados Unidos – e general do Sul, por ocasião da guerra de secessão, e lembra-se bem que os Estados Confederados, quando redigiram a sua constituição, declararam no preâmbulo: “A escravidão é a base da constituição dos Estados Confederados”. Lembra-se também que o próprio Lincoln, quando subiu ao poder, declarou logo que não vinha abolir a escravidão... (ASSIS, 1990, p.73).

Dessa forma, Machado reforça a questão da relatividade das mudanças. A ficção utilizada em suas crônicas desqualifica a transparência da simples notícia, não deixando dominar o puro factual do jornalismo. Através da ambiguidade, ele provoca o estranhamento, atraindo o leitor para a leitura e abalando a credibilidade retórica dos discursos de sua época. Para atrair esse leitor, recém-formado, Machado demonstra preocupar-se com a prática retórica da elocução, que procura adaptar o estilo do discurso ao tema e ao auditório. Para isso, além dos efeitos criados, como o estranhamento, a retórica recomenda o uso de estilo simples quando se tem que agradar, a fim de atrair a atenção do público. Associaremos o estilo simples ao tipo de linguagem usada por Machado. Podemos afirmar que em suas crônicas, como aliás se tornou característica do gênero, Machado utiliza uma linguagem coloquial, marcada pela oralidade, por conversas com o leitor e pela presença de muitos diálogos. Um texto cujo discurso se aproxima da língua falada, do habitual. O objetivo era incentivar a leitura em uma época que apresentava quase toda população analfabeta ou semianalfabeta.

Sendo assim, o papel impresso passa a funcionar como um espaço que flutua entre a palavra ouvida e a palavra lida. Tânia Dias (1998), ao pesquisar as relações entre o texto impresso e a formação de uma comunidade leitora no Brasil colonial, afirma:

[...] acreditamos que a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicação de periodicidade regular, [...] traz para o universo da página impressa as situações com as quais o habitante da cidade se confrontava no seu dia a dia. [...] (A comunicação impressa) só se realiza de fato na medida em que o indivíduo, ao deparar com a página impressa, encontre ali elementos de sua realidade, elementos estes que viabilizam o estabelecimento de uma efetiva interação comunicacional. (DIAS, 1998, p.8).

Podemos citar a presença de acontecimentos do cotidiano da época e de uma linguagem com marcas da oralidade, características do gênero crônica, como importantes elementos da realidade dos leitores.

Enquanto no final do século XIX predominava o discurso voltado para o que chamamos de renacionalização do Brasil, a serviço da República, as crônicas de Machado de Assis caminhavam na contramão desse discurso, desconstruindo-o. O bruxo do Cosme Velho profetizou acontecimentos históricos e virou lugares-comuns pelo avesso, questionando as mudanças ocorridas em sua época e relativizando verdades. A forma como ele realizou suas críticas, utilizando estratégias discursivas retóricas, garantiu sua permanência dentro do sistema intelectual e da elite do país antes e depois da implantação da República.

Considerando a comparação entre o cronista e o *flâneur*, apresentada neste trabalho, podemos caracterizar Machado de Assis cronista como uma espécie de *flâneur* profeta, que enxerga e denuncia o avesso dos acontecimentos de sua época, em seu perambular aparentemente despretenso pela cidade.

PINHEIRO, M. P. Machado de Assis “cronista”: “Bons Dias!” on the reverse of the republic. **Revista de Letras**, São Paulo, v.52, n.2, p.133-145, jul./dez. 2012.

- **ABSTRACT:** *In this article we intend to demonstrate how Machado de Assis criticizes the project of renationalization of Brazil, in the late nineteenth century, through a relatively new genre: the “crônica”. We investigated the hypothesis that he makes use of discursive constructions that can be considered rhetoric, to dismantle the discourse which fitted the project of renationalization of Brazil but at the same time made it possible to keep him as part of the intellectual system and of the Brazilian elite of his time. Aiming at the proposed investigation, we analyzed three chronicles from the series “Bons Dias!”, which present the abolition of slavery and the republic as their thematic unit. This series consists of 49 chronicles; 48 published in the newspaper Gazeta de Notícias, from April 5th, 1888 to August 29th, 1889.*
- **KEYWORDS:** *Machado de Assis. “Crônica”. Rhetoric. Renationalization.*

## Referências

ANTELO, R. **João do Rio:** o dândi e a especulação. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1989.

ASSIS, M. de. **O Espelho:** revista de literatura, modas, indústria e artes, Rio de Janeiro, 04 out. 1859. Revista de Teatro, p. 7.

\_\_\_\_\_. **Bons Dias!:** crônicas: 1888-1889. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: HUCITEC; Ed. da UNICAMP, 1990.

AZEVEDO, D. J. de. **Grande dicionário contemporâneo francês-português.** Lisboa: Bertrand, 1989.

BROCA, B. **Horas de leitura:** primeira e segunda séries. Coordenação de Alexandre Eulálio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. (Coleção repertórios).

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971. v.6.

DIAS, T. **Descaminhos da comunicação**: a imprensa e a formação do público leitor no Brasil. 1998. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

GLEDSON, J. **Machado de Assis**: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. 4.ed. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1993.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

\_\_\_\_\_. **Ao redor de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MEYER, M. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, A. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p.93-133.

NEVES, M. de S. Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, A. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p.75-92.

ROCHA, J. C. de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

ROUANET, M. H. Aquarelas de um Brasil. **Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.1, n.1., p.100-108, jul./out. 1994.

SOUZA, R. A. de. **O império da eloquência**: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

